

LEV VYGOTSKY

MARTA KOHL DE OLIVEIRA
TEXTO E APRESENTAÇÃO

BIBLIOGRAFIA

Nasci em 1896, na Bielo-Rússia, país que fez parte da extinta União Soviética, e morri em 1934, de tuberculose, aos 37 anos. Era membro de uma família com uma situação econômica bastante confortável e uma das mais cultas da cidade. Formei-me em Direito, trabalhei como professor e pesquisador, nas áreas de Pedagogia, Psicologia, Filosofia, Literatura, Deficiência Física e Mental. Com Leontieva e Luria, formei um grupo de jovens intelectuais da Rússia Pós-Revolução que buscavam uma nova Psicologia. Embora minha produção não tenha sido um sistema explicativo completo, ela foi vasta. Escrevi cerca de duzentos trabalhos científicos que foram pontos de partida para inúmeros projetos de pesquisas posteriores. Os temas dessas publicações vão desde a neuropsicologia até a crítica literária, passando por deficiência, linguagem, psicologia e educação.

1 INTRODUÇÃO

Na área da Psicologia da Educação Piaget tem sido nossa principal referência historicamente. O aparecimento do Vygotsky trouxe uma outra alternativa, uma vez que Piaget não é um autor que se preocupe particularmente com a escola, com o professor, com a intervenção pedagógica.

O aparecimento do Vygotsky atrai os educadores, porque é um autor que fala da escola, fala do professor e valoriza a ação pedagógica e a intervenção.

É um autor que valoriza muito a escola, valoriza muito o professor, a intervenção pedagógica, o papel do educador na formação do sujeito, quer dizer, o sujeito que passa pela escola, tem na escola uma instituição fundamental para sua definição, para seu funcionamento psíquico.

2 PLANOS GENÉTICOS DE DESENVOLVIMENTO

Uma forma muito interessante de entrarmos na concepção de Vygotsky sobre desenvolvimento é uma questão que ele chamou de Planos Genéticos de Desenvolvimento. É uma idéia de que o mundo psíquico, o funcionamento psicológico não está pronto previamente, não é inato, não nasce com as pessoas, mas também não é recebido pelas pessoas como um pacote pronto do meio ambiente. Então, Vygotsky é um autor, como outros, como Piaget, Wallon, que é chamado de interacionista, porque ele leva em conta coisas que vêm de dentro do sujeito e coisas que vêm do ambiente.

Mas a postulação interacionista do Vygotsky ganha vida se prestarmos atenção nos Planos Genéticos de Desenvolvimento que ele postula, porque ele fala em quatro entradas de desenvolvimento que, juntas, caracterizariam o funcionamento psicológico do ser humano. Uma é a Filogênese, que é a história da espécie humana; outra é a Ontogênese, que é a história do indivíduo da espécie; outra a Sociogênese, que é a história cultural, do meio cultural no qual o sujeito está inserido; e a Microgênese, que é o aspecto mais microscópico do desenvolvimento.

3 FILOGÊNESE

A Filogênese diz respeito à história de uma espécie animal. Todas as espécies animais têm uma história própria e essa história da espécie define limites e possibilidades de funcionamento psicológico. Então, têm coisas que somos capazes de fazer e outras que não somos capazes de fazer.

Por exemplo, somos bípedes, temos as mãos liberadas para outros tipos de atividades, tem uma determinada conformação da mão, que permite movimentos finos, em pinça, por exemplo, que é uma coisa particular da espécie humana, muito importante. Temos a visão por dois olhos, que é a visão binocular. Então, temos uma série de características do corpo humano, do organismo, que vão servir de fundamento para o funcionamento psicológico depois.

Corno dito, tem coisas que fazemos e outras que não fazemos. Andamos, mas não voamos. E uma das características muito importantes da espécie animal humana é a plasticidade do cérebro. Temos um cérebro extremamente flexível, que se adapta a muitas circunstâncias diferentes. E isto está ligado ao fato de que nossa espécie é a menos pronta ao nascer, quer dizer, o membro da espécie humana é o menos pronto ao nascer. Então, porque temos uma parte do desenvolvimento tão em aberto é que temos também um cérebro tão flexível, porque, dependendo do que o ambiente fornecer, o cérebro vai se adaptando e funcionando de um determinado jeito.

4 ONTOGÊNESE

o segundo plano genético de que Vygotsky fala é o chamado ontogênese, que significa o desenvolvimento do ser, de um indivíduo, de uma determinada espécie. Em cada espécie, o ser, o membro individual daquela espécie, tem um caminho de desenvolvimento. Nasce, se desenvolve, se reproduz, morre, num ritmo determinado de desenvolvimento, com certa seqüência etc. E este plano genético da ontogênese está muito ligado à filogênese, porque os dois são de natureza muito biológica,

dizem respeito à pertinência do homem à espécie. Somos membros de uma determinada espécie e, por ser membro desta determinada espécie, passa por certo percurso de desenvolvimento que é um determinado percurso e não outro. Por exemplo, a criança nasce e só fica deitada, depois ela aprende a sentar, engatinhar, andar, por exemplo, nesta seqüência, e assim por diante. Então, tem várias coisas que são determinadas pela passagem daquele indivíduo da espécie por uma seqüência de desenvolvimento.

5 SOCIOGÊNESE

o terceiro plano genético postulado pelo Vygotsky é o chamado sociogênese, ou história cultural, que é a história da cultura onde o sujeito está inserido, mas não a história no sentido da História do Brasil, a História do Mundo Ocidental, mas as formas de funcionamento cultural que interferem no funcionamento psicológico, que definem de certa forma o funcionamento psicológico.

Então, essa questão da significação pela cultura tem dois aspectos. Um, que a cultura funciona como um alargador das potencialidades humanas. Como já dito: o homem anda, mas não voa, agora voa porque criou o avião. E um outro aspecto da história cultural é como cada cultura organiza o desenvolvimento de um jeito diferente. Então, a passagem pelas fases do desenvolvimento é relida também, lida e relida pelas diferentes culturas de formas diferentes.

Quanto a isto, um exemplo bem importante é o da adolescência. A puberdade é um fenômeno biológico, todos os seres humanos passam pela puberdade, amadurece sexualmente, aparecem caracteres sexuais secundários, que possibilita a reprodução etc., mas a puberdade é compreendida historicamente de formas diferentes em cada cultura. Então, o conceito de adolescência é um conceito cultural, embora esteja assentado sobre um conceito biológico, que é a puberdade. Em nossa cultura, por exemplo, a adolescência é um período bastante estendido. Hoje ela é muito mais estendida que há trinta anos atrás. Hoje uma menina de nove anos esteja já preocupada em se arrumar, em ter namorado, e pode morar com os pais até os trinta anos e ter uma relação de filha, de adolescente.

Outro exemplo interessante é o da Terceira Idade, como categoria que a nossa cultura criou há muito pouco tempo. Sempre tivemos o velho, sempre tivemos o idoso, mas a categoria Terceira Idade, como uma categoria que tem produtos de mercado especiais para ela, tem atividades especiais, tem instituições que cuidam disso, e que é consumido assim, é uma categoria claramente cultural. Ela não diz respeito ao envelhecimento do corpo, ela diz respeito como a cultura olha o idoso.

6 MICROGÊNESE

A microgênese diz respeito ao fato de que cada fenômeno psicológico tem sua própria história. Por isto é micro. no sentido, não necessariamente de pequeno, mas com foco bem definido. Ao invés de pensarmos a História do Brasil, a história das famílias de classe média em São Paulo, uma coisa maior... A micro é, entre saber uma coisa e não saber, por exemplo, uma criança primeiro não sabe amarrar o sapato, depois ela sabe amarrar o sapato. Ou seja, entre o saber e o não-saber algo, um tempo passou. Então podemos, interessados em compreender o desenvolvimento, olhar de uma forma micro para a história deste fenômeno. Como a criança aprendeu a amarrar o sapato, é a microgênese do aprender a amarrar o sapato.

O que é bem interessante a respeito da microgênese, é que ela é a porta aberta dentro da teoria para o não determinismo. Porque a filogênese e a ontogênese, de certa forma, carregam certo determinismo biológico, ou seja, o sujeito está atrelado às possibilidades da sua espécie, do seu momento, do seu desenvolvimento como ser daquela espécie etc. Na sociogênese tem certa tinta determinista em termos culturais, a cultura está definindo por onde você pode se desenvolver, está dando também limites e possibilidades históricas de desenvolvimento. A microgênese faz com que olhemos como cada pequeno fenômeno tem a sua história, e como ninguém tem uma história igual ao do outro, é aí que vai aparecer a construção da singularidade de cada pessoa e daí a heterogeneidade entre os seres humanos. Quer dizer, não encontramos duas coisas iguais, mesmo coisas que podem parecer ser tão parecidas resultam diferentes. Temos duas crianças na sala de aula, as duas têm sete anos, as duas são de família de classe média, as duas têm pais com ensino médio, as duas estão naquela escola, naquela sala, moram naquele bairro, tudo tão parecido!, mas as crianças não são iguais. Por quê? Porque elas têm experiências diferentes, uma tem mais irmãos, outra menos; uma assiste muito televisão, a outra não assiste; uma foi para a pré-escola, a outra não foi... Quer dizer, tem fatos na história de cada um que vão definir a singularidade a cada momento da vida do sujeito.

7 MEDIAÇÃO SIMBÓLICA

A invenção e o uso dos símbolos como meios auxiliares para solucionar um dado problema psicológico, tais como lembrar, comparar, relatar, escolher, é análoga à invenção e ao uso de instrumentos. Só que agora, no campo psicológico.

A idéia de mediação, é a idéia mesmo de intermediação: ter uma coisa interposta entre uma e outra coisa. No caso do ser humano, a idéia básica do Vygotsky é que a relação do homem

com o mundo não é uma relação direta, mas é uma relação mediada. A mediação pode ser feita através de instrumentos e de signos.

A mediação por instrumentos é o fato de que nos relacionamos com as coisas do mundo usando ferramentas, ou instrumentos intermediários. Por exemplo, se vou cortar um pão, uso uma faca; se vou cortar uma árvore, uso um machado, uma moto-serra. Então, esses instrumentos da tecnologia estão fazendo uma mediação entre minha ação concreta sobre o mundo e o mundo.

Os signos são formas posteriores de mediação, que fazem uma mediação de natureza semiótica, ou simbólica. Fazem uma interposição entre o sujeito e o objeto do conhecimento, entre o psiquismo e o mundo, o eu e o objeto, o eu e o mundo, de uma forma que não é concreta, como fazemos com os instrumentos, mas de uma forma simbólica.

Tem uma primeira forma de signos que ainda tem uma existência concreta. Por exemplo, o banheiro masculino, feminino, nas portas de sanitários: um chapeuzinho para homem e uma sombrinha para a mulher. Isso é um signo. Uma coisa que representa a idéia de masculino e feminino, todo mundo compartilha dessa representação, quer dizer, os usuários do sistema sabem que aquilo quer dizer homem, que aquilo que dizer mulher, e acertam a informação, tomam posse da informação de uma forma adequada.

O fato de eu mudar o anel de dedo para lembrar que tenho que telefonar para alguém, por exemplo, não é o próprio ato de telefonar, não está ligado ao ato de telefonar, mas é uma informação de natureza simbólica que está interposta entre a intenção de fazer alguma coisa e a própria ação. Então ainda é concreto, ainda está visível por outros, está marcado no mundo, fora de mim, mas não é de natureza instrumental, é de natureza simbólica, no sentido de que não age concretamente sobre as coisas, mas age no plano simbólico.

O outro plano em que aparecem os signos é o plano totalmente simbólico, internalizado, as coisas são postas para dentro do sistema psicológico e funcionam como mediadores, semióticos, ou simbólicos, dentro do nosso sistema psicológico. Para isso, aparece uma característica que é tipicamente humana que é a possibilidade de representação mental, a possibilidade de transitar por um mundo que é só simbólico.

Então, por exemplo, quando encontramos pela frente uma mesa, quando a vemos, não estamos nos relacionando com ela de uma forma não mediada, direta, só a sentimos perceptualmente, damos-lhe uma trombada, ou nos encostamos a ela e sentimos que ela tem uma aresta pontuda, ou apoiamos coisas sobre ela, fisicamente só. Olhamos para aquele objeto e vemos uma mesa, ela nos remete a uma coisa unicamente simbólica, que está em nossa cabeça, que é o conceito de mesa, a idéia de mesa, a palavra de mesa, a imagem de mesa. Aí depende de como vamos compreender essa forma de representação na mente, mas seja qual for a forma, tem uma forma de representação das coisas do mundo

que está dentro de nós, que não são o próprio mundo, são representações do mundo. E isso é uma coisa típica e exclusivamente humana, que permite o trânsito do ser humano por dimensões do simbólico. Podemos transitar por dimensões de tempo, pensar em coisas que já nos aconteceram, podemos antecipar coisas futuras, pensar. coisas que estão em outro espaço, tudo por meio desse trânsito simbólico desses mediadores que fazem a intermediação entre nossa pessoa e o mundo.

O ato de por o dedo na chama da vela e sentir dor, é o ato de relação direta com o mundo, não mediada: tem o fogo, meu dedo, ponho o dedo no fogo e queima, pronto. Não mediado. Numa segunda vez, numa próxima experiência, a criança pode ver a vela, chegar com o dedo perto e tirar, antes de queimar, só por sentir o calor. A ação dela, então, estará sendo mediada pela lembrança da experiência passada com a dor, ou pela lembrança da mera visão da vela, ou quando ela começar a sentir o calor, ela vai lembrar da dor e tirar o dedo. Na primeira vez, é uma relação direta: vela, criança. Na segunda vez, é uma relação mediada, mediada pela experiência anterior.

A mãe que chega e fala: "não põe a mão na vela, porque queima". E a criança não põe, obedecendo a mãe, ela tem uma relação mediada entre ela e a chama da vela, mas não foi mediada pela própria experiência, pela dor sentida efetivamente, mas pela informação que ela recebeu de uma outra pessoa. Isso é uma coisa que, em termos educacionais, é extremamente importante. Quer dizer, grande parte da ação do homem no mundo é mediada pela experiência dos outros, não precisamos viver tudo em primeira mão. Isso é essencial para os processos de crescimento e desenvolvimento histórico, senão cada ser humano estaria começando tudo do zero.

8 PENSAMENTO E LINGUAGEM

Na ausência de um sistema de signos, lingüísticos ou não, somente o tipo de comunicação mais primitivo e limitado torna-se possível. Um ganso amedrontado, pressentindo subitamente algum perigo, ao alertar o bando inteiro com seus gritos, não está informando aos outros aquilo que viu, mas, antes, contagiando-os com seu medo.

9 SIGNOS

Os signos são construídos culturalmente. Quer dizer, não é que o sujeito inventa signos por si próprio, ele desenvolve a capacidade de representação simbólica, inserida numa cultura que lhe

fornece material para que desenvolva esse campo do simbólico. O principal lugar cultural onde isso acontece é na língua. Todos os outros humanos têm uma língua e ela é o principal instrumento de representação simbólica que os seres humanos dispõem.

Aqui é importante fazermos uma digressão. Falamos em linguagem. Na verdade, quando falamos em linguagem, no pensamento de Vygotsky, nas relações pensamento e linguagem, o termo melhor seria língua, porque não é de qualquer linguagem que ele está falando, não é a linguagem da dança, a linguagem do gesto, a linguagem facial, mas a língua mesmo, a fala, o discurso.

Como todos os grupos humanos têm uma língua, esta língua é um objeto de atenção primordial do Vygotsky, vai ser muito importante para ele para pensar o desenvolvimento do pensamento.

Ele trabalha com duas funções básicas da linguagem. Primeira função, é a de comunicação. As pessoas primeiramente desenvolveram a língua para se comunicar, para resolverem problemas de comunicação. Esse aspecto da língua está presente nos animais. Os animais também se comunicam por algum tipo de linguagem, que é gestual, ou sonora, com o objetivo explícito de comunicação, de troca entre os membros da espécie. É assim que, também para o ser humano, a linguagem nasce. Quer dizer, ela nasce como forma de comunicação. Então, o bebê, a primeira coisa que ele faz é chorar, é o primeiro ato de língua dele. Isso tem uma função comunicativa, ele não tem uma pretensão de transmissão de uma informação muito precisa, amarrada ou conceitual, nem seria possível.

Uma segunda função da linguagem, que irá aparecer mais tarde no desenvolvimento, é o que Vygotsky chama de pensamento generalizante, que é onde a língua encaixa com o pensamento. É nesta segunda função que a relação pensamento-linguagem é muito forte. É o fato de que o uso da linguagem implica numa compreensão generalizada do mundo, quer dizer, ao nomear alguma coisa, estamos realizando um ato de classificação. Ao chamarmos o cachorro de cachorro, o estamos colocando numa classe de objetos do mundo que são agrupáveis com ele, todos os cachorros seriam colocáveis naquela mesma categoria, para a qual posso usar o rótulo cachorro e, ao mesmo tempo, estamos distinguindo esta categoria de todas as outras, um cachorro não é um gato, não é um girafa, não é um sapato, não é uma cadeira. Então, se tivermos uma palavra, ela já serve para classificar o mundo em duas grandes categorias. Se temos a palavra copo, já tenho tudo o que é copo e tudo o que é não-copo. O ato de nomear é o ato de classificar. Isto é uma coisa extremamente importante, porque o grande salto qualitativo na forma de relação do homem com o mundo é que somos capazes de abstrair, generalizar, classificar e isto só é possível porque dispomos de um termo simbólico articulado, compartilhado, organizado por regras, e, tal como a língua, que nenhuma outra espécie animal tem.

o significado de uma palavra representa um amálgama tão estreito do pensamento e da linguagem, que fica difícil dizer se se trata de um fenômeno da fala ou do pensamento. Do ponto de

vista da Psicologia, o significado de cada palavra é uma generalização ou um conceito. E como as generalizações e os conceitos são atos de pensamento, podemos considerar o significado como um fenômeno do pensamento.

Para Vygotsky a relação entre pensamento e linguagem, ele vai postular como sendo muito forte, muito tipicamente humana e muito importante para a definição do que é o funcionamento do psicológico humano. Mas esta relação, que ele postula como tão forte, não nasce com o sujeito, ela não aparece pronta, ela é uma coisa que se desenvolve durante o desenvolvimento psicológico, tanto na história da espécie, na filogênese, como na história do próprio indivíduo, na ontogênese.

Então, na filogênese, para começar por ela, primeiro há linguagem, existe linguagem, e existe pensamento separados. Então existe linguagem, com aquela função primeira de comunicação, em todas as espécies animais. Mas peguemos, como exemplo, o chimpanzé, que é a espécie mais próxima do humano, onde podemos olhar melhor para coisas que pertencem à história humana. Quer dizer, olhando os chimpanzés podemos imaginar um pouco como foi o homem antes do momento atual de desenvolvimento filogenético. Os chimpanzés usam a linguagem para se comunicar, ela tem só a função comunicativa, ela só tem aquela primeira função, de intercâmbio social. Tem comunicação ali, têm gestos, têm expressões faciais, têm sons etc., só a linguagem separada. E tem alguma coisa que poderíamos chamar de primórdio de pensamento, que é chamado na Psicologia de inteligência prática. Os chimpanzés são capazes de resolver problemas no mundo concreto de uma forma já inteligente, no sentido de que ele atua sobre o ambiente, ele resolve problemas, ele busca soluções, mas de uma forma inserida num contexto perceptual imediato. Têm esses experimentos bem conhecidos na Psicologia. O chimpanzé é capaz de empilhar alguns caixotes, para alcançar algumas bananas que ele não alcança só com seu corpo, é capaz de pegar uma vara e puxar uma fruta que está fora da jaula, com ajuda da vara. Quer dizer, ele está usando instrumento, está agindo ativamente sobre o ambiente para solucionar um problema, então ele está usando uma inteligência prática, que é assim chamada porque não tem nenhum componente simbólico. Por exemplo, se o chimpanzé não tiver a banana e a vara no mesmo campo visual ele já não resolve o problema, ele não é capaz de imaginar que ele precisa, para alcançar aquela banana, mais do que o próprio corpo, e ele vai à busca de uma solução. Ele não é capaz de fazer isto. Isso é um indicador de que ele não está agindo num plano simbólico, mas só num plano concreto.

Na criança, no bebê, também aparece isso. Aparece a comunicação com fins de intercâmbio social, através de choro, gestual, outros tipos de sons, expressões faciais, e aparece a

construção de uma inteligência prática similar a do chimpanzé. A criança pré-linguística, antes da aquisição da linguagem, tem uma ação no mundo parecida com a que o chimpanzé tem. Ela é capaz de pegar um banquinho para alcançar um brinquedo que ela não alcança sozinha, ela é capaz de procurar uma bola que caiu atrás do sofá, de usar uma coisa para puxar a outra. Quer dizer, ela age inteligentemente no ambiente, resolvendo problemas, usando instrumentos e tal, num plano concreto, sem mediação simbólica.

Então, tanto na história da espécie, como na história da criança, há um momento em que existe linguagem com esta função primeira, de intercâmbio social, e existe pensamento, ou primórdios de pensamento, que seria essa inteligência prática.

Num determinado momento do desenvolvimento, essas duas potencialidades se unem e daí pensamento e linguagem se atrelam e não se desatrelam mais e vão representar uma parte substancial do funcionamento psicológico humano. Na história da espécie, isto aconteceu num determinado momento do desenvolvimento da espécie, que significa o ingresso da espécie humana na espécie humana propriamente, o momento em que nasce a espécie humana. Claro que espalhado ao longo de milhares de anos, mas o homem passa a ser capaz de se comunicar pela linguagem, como um sistema articulado e a inteligência dele passa a ser abstrata, podendo funcionar em planos simbólicos, como falamos antes. Passa a ser capaz de circular por momentos e espaços ausentes do espaço atual, perceptual presente, ele pode ser capaz de imaginar, inventar, criar, recuperar coisas que aconteceram no passado. Ele tem uma inteligência, ele passa a ter uma inteligência, um pensamento de natureza simbólica, e isso é permitido pela linguagem. Inicialmente por aquela função segunda da linguagem, que é de pensamento generalizante, mas também por várias outras características da linguagem, que podemos imaginar. Por exemplo, o fato de termos verbos do presente, passado, futuro, permitindo que transitamos pelo tempo em termos simbólicos. O fato de possuímos termos para negação, permite que neguemos no discurso, que concebamos o não, a inexistência, o zero, o nenhum, porque a língua permite isso. Na ausência da língua seria muito difícil concebermos a ausência, a presença até sim, mas a ausência não.

A relação entre o pensamento e a palavra é o movimento contínuo de vai-e-vem do pensamento para a palavra e vice-versa. O pensamento não é simplesmente expresso em palavras. É por meio delas que ele passa a existir.

A língua é uma coisa que está fora da pessoa inicialmente. Quer dizer, quando a criança nasce, ela nasce num meio falante, que já tem uma língua e que ela vai se apropriar desta língua ao longo do seu desenvolvimento. Esse é um movimento que vai acontecer de fora para dentro. Então, para Vygotsky, o primeiro uso da linguagem é o que ele chama de fala socializada. Quer dizer, é a fala da criança com os outros, para os outros, só do lado de fora dela, só com essa função comunicativa inicial.

É na interface dela com o outro que a língua aparece primeiro. E o ponto de chegada da língua, o mais desenvolvido de todos, é o chamado discurso interior. É o fato de que incorporamos um sistema simbólico no nosso aparato psicológico e somos capazes de ter, internamente, esse plano simbólico do funcionamento psicológico com o suporte da língua, mas ele está lá dentro de nós. Então, não precisamos falar alto. É como se nosso pensamento acontecesse, em grande medida, apoiado nas palavras, nos conceitos, certamente, mas não precisamos externalizar isto, funciona dentro da nossa cabeça. Então, pensamos sozinhos, com o suporte das palavras, com o modo de pensar de nossa língua, com as possibilidades de trânsito pelo mundo do simbólico que a língua nos dá, mas tudo isso dentro da nossa cabeça. Então, as coisas começam do lado de fora e acabam internalizadas.

O Vygotsky propõe que, entre uma coisa e outra, entre o que acontece lá fora e o que acontece dentro, ocorre um momento do desenvolvimento que é a chamada fala egocêntrica. Que é - quem tem contato com criança sabe disto - a fase da criança por volta dos três, quatro anos, fala sozinha. Ela fala alto, mas está falando para ela mesma, não precisa do interlocutor. Ela pode estar sozinha no ambiente e ela fala também. Este fenômeno foi identificado pelo Piaget e o Vygotsky se apropria da idéia, do Piaget para discutir essa idéia. Mas eles a usam *com concepções bem diferentes, justamente porque o Vygotsky está trabalhando as coisas de fora para dentro e o Piaget de dentro para fora*. Então, para o Piaget existe fala egocêntrica, mas ela é um indicador de que o desenvolvimento está saindo de dentro do sujeito e indo para fora. E no Vygotsky é exatamente o oposto. A existência da fala egocêntrica indica que a fala está sendo posta para dentro. Aquela comunicação que era entre as pessoas vai estar sendo internalizada pelo sujeito, para se tornar um instrumento dele, interno. Então, essa fala egocêntrica, esse falar sozinho da criança, é como se ele estivesse usando um formato ainda socializado da língua, que é falar alto, mas com uma função do discurso interior, que é a "fala para mim". Quando a criança está fazendo uma tarefa, dizer: "ah, agora vou pegar o lápis azul... ah, vou pegar um brinquedo, mas não alcanço, então preciso de um banquinho..." É como se ela ficasse falando para ela mesma, explicitando para ela mesma, passos de raciocínio, necessidades na seqüência da solução de problemas. A linguagem egocêntrica aparece muito mais quando a criança está posta em situação de dificuldade cognitiva, que evidencia o fato de que a linguagem é um instrumento de pensamento. Então ela a está usando como suporte~ usa a língua para ajudá-la a resolver um problema.

10 DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM

As relações entre desenvolvimento e aprendizagem são aspectos bem importantes da teoria do Vygotsky, porque ele trabalha muito nesta área da Psicologia ligada à educação. E por um postulado básico de sua teoria, que é o fato de que o desenvolvimento se daria de fora para dentro, o desenvolvimento humano. Por causa da importância da cultura, por causa importância da imersão do sujeito no mundo humano em volta dele. A idéia de que o desenvolvimento se dá de fora para dentro para ele, portanto a aprendizagem aparece como uma coisa extremamente importante para ele na definição dos rumos do desenvolvimento. Para Vygotsky a aprendizagem é que promove o desenvolvimento. É porque o sujeito aprende, porque ele faz coisas no mundo que fazem com que ele aprenda é que ele se desenvolve. É como se aprendizagem puxasse o desenvolvimento do sujeito e isto também está atrelado à idéia de que o caminho do desenvolvimento está em aberto. Como a cultura, em grande medida, vai definir por onde o sujeito vai e também a especificidade de cada sujeito vai ser definida em sua interfase com o mundo, em suas experiência de aprendizagem, em seus procedimentos micro-genéticos vistos anteriormente, o fato de aprender é que vai definir por onde o desenvolvimento vai se dar.

É interessante pensarmos que esse é um ponto bem forte de contraponto entre Vygotsky e Piaget. Para Piaget, como o desenvolvimento se dá mais de dentro para fora, o motor endógeno de desenvolvimento é que impulsionaria o desenvolvimento psicológico. Por desenvolver-se é que o sujeito pode aprender. Ele aprende porque está em determinado estágio de desenvolvimento. Para Vygotsky é mais o contrário, ele se desenvolve porque ele aprende.

Uma atividade interessante de focarmos com relação a isto é o brinquedo, a brincadeira, ou o jogo simbólico, ou o jogo de papéis, que é a brincadeira de faz-de-conta. Este jogo de papéis para Vygotsky é muito importante, como um lugar de desenvolvimento, exatamente por causa dessa relação entre desenvolvimento e aprendizagem. Na brincadeira, no jogo de papéis, a criança está, ao mesmo tempo, transitando pelo mundo do imaginário - ela é a professora, é claro não é uma professora de verdade, ela está brincando de ser professora, então é imaginário -, mas ao mesmo tempo está regido por regras. Se ela vai brincar de escolinha, ela está restrita pelas regras de funcionamento de uma escola, seja uma escola verdadeira ou uma escola imaginária da criança, mas tem regras, não pode ser qualquer coisa. A imposição de regras é uma imposição que vem do funcionamento da cultura, justamente como os jogos de papéis, jogos simbólicos, jogos de faz-de-conta. Ele é uma mímica das atividades do mundo adulto, ele traz para dentro do mundo da criança as regras de funcionamento do mundo adulto, é um jeito de realizar uma atividade tipicamente infantil, que envolve aprendizagem e promove o desenvolvimento. É como se a criança fosse puxada para adiante daquilo que ela é capaz de fazer como criança no momento

da brincadeira. Quer dizer, ela se aproxima do papel de mãe sem ser mãe em sua vida cotidiana. No brinquedo, a criança se relaciona com o significado das coisas e não com os próprios objetos. Por exemplo, ela pode pegar um toquinho de madeira e fingir que é um carrinho. Então, ela está se relacionando com o significado de carro e não com o objeto toco de madeira. E isso promove para ela um descolamento do mundo perceptual imediato e faz com que ela se relacione com o mundo do significado, o que também a ajuda a entrar neste trânsito do mundo simbólico, das representações, da língua e das relações. Aí entra pensamento e linguagem etc. O brinquedo é um bom exemplo de como atividades realizadas do lado de fora, que constituem aprendizagem, promovem o desenvolvimento num caminho tipicamente humano, definido por um percurso que está atrelado à cultura.

Desenhar e brincar deveriam ser estágios preparatórios para o desenvolvimento da linguagem escrita das crianças. Os educadores devem organizar todas essas ações e todo o complexo processo de transição de um tipo de linguagem para outro. Devem acompanhar este processo através de seus momentos críticos. Até o ponto da descoberta de que se pode desenhar "não somente objetos, mas também a fala.

11 ZONA DE DESENVOLVIMENTO PROXIMAL

Um aspecto muito importante da teoria de Vygotsky com relação ao desenvolvimento, é a idéia dele de que o desenvolvimento deve ser olhado de uma maneira prospectiva e não retrospectiva. Isto é, deve ser olhado para frente, aquilo que ainda não aconteceu. Normalmente olhamos para aquilo que já aconteceu, que já passou. Normalmente perguntamos: "seu filho já sabe amarrar sapato?, o bebê já senta?, essa criança já aprendeu a ler e a escrever?". Então, nos referimos ao já, àquilo que já está consolidado, que já terminou, que já está pronto na criança. Mas aquilo que está em processo, que está por acontecer, é ali que vai acontecer a intervenção pedagógica, a ação educacional de qualquer tipo e também é ali onde o desenvolvimento está efervescente, está fervendo em termos de um fenômeno a ser compreendido pelo estudioso do desenvolvimento. Então, para esta questão, esta idéia básica do Vygotsky toma corpo, num conceito que é típico da teoria dele, que é muito conhecido, que é o conceito de zona de desenvolvimento proximal, ou potencial. Para explicar esta zona ele trabalha com dois outros conceitos, ele fala em nível de desenvolvimento real, que é o nível de desenvolvimento até o qual a criança já chegou, que é o tal do desenvolvimento passado, ou o olhar retrospectivo, ou seja, aquilo que ela já tem. Na outra ponta teríamos aquilo que ele chama de nível de desenvolvimento potencial, que é aquilo que a criança ainda não tem, mas que podemos imaginar que está próximo de acontecer,

que está num horizonte próximo, não muito longínquo. Geralmente sabemos que está próximo, porque a criança consegue se relacionar com aqueles objetos de conhecimento e de ação não autonomamente ainda, mas com ajuda, com instrução do outro, com intervenção de um parceiro mais experiente. O fato de que ela não faz sozinha, mas faz com ajuda, identifica que aquilo pertence a um plano de desenvolvimento que está próximo de se consolidar. E daí, entre aquilo que já está pronto e aquilo que está presente em semente, é que o Vygotsky localiza esta chamada zona de desenvolvimento proximal. Que é um pedaço do desenvolvimento que permite, quer dizer, que é o mais interessante em termos de desenvolvimento, que é onde o desenvolvimento está acontecendo agora, e é o que permite a intervenção. Quer dizer, é ali que podemos colocar o dedo para operar transformações.

A zona de desenvolvimento proximal define aquelas funções que ainda não amadureceram, mas que estão em processo de maturação. Funções que amadurecerão, mas que estão presentemente em estado embrionário.

Uma coisa que é bem importante de falar sobre isso é que esse conceito de Vygotsky é um conceito que tem um valor explicativo dentro da teoria, mas ele não é um conceito instrumental. Não podemos pegar o conceito de zona proximal, entrar em uma sala de aula e querer medir a zona proximal dos alunos, identificar as zonas proximais e tal, porque ele é um conceito muito flexível e muito complexo, ele não é visível na prática. Quer dizer, ele nos ajuda a entender o desenvolvimento, mas não é visível na prática, pois para cada tópico de desenvolvimento, para cada criança, em cada micro-momento teríamos uma zona. Então, se entramos numa sala de aula com quarenta alunos e vamos trabalhar adição com reserva hoje, temos quarenta zonas proximais em movimento, porque cada vez que falamos alguma coisa estou alterando a zona de cada criança, ou de uma parte delas, pelo menos.

12 INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

Um aspecto muito peculiar da teoria do Vygotsky, muito central nas concepções dele sobre desenvolvimento, aprendizagem, é a importância da intervenção das outras pessoas no desenvolvimento de cada sujeito.

Aqui entra uma coisa bem importante para Vygotsky, que é a importância deste mundo humano, desta cultura, do outro social, mas não em termos de um ambiente onde o sujeito está simplesmente imerso, não é como se fosse um caldo onde tivéssemos posto lá dentro e passivamente fosse absorvendo informações do ambiente. Ele coloca uma posição muito ativa, primeiro para o próprio sujeito, quer dizer ele está se relacionando com o mundo de informações,

significados, modos de ser, rumos de desenvolvimento e tal, onde ele também age, ele não é um ser passivo, que recebe passivamente a informação do mundo, mas a cada momento de sua história ele é um sujeito pleno, que retroage, que age sobre o ambiente, que dialoga, que impõe, significados, que traz sua subjetividade, seu modo de ver o mundo, sua própria história, naquela relação de aprendizagem que promoverá desenvolvimento. E, além disto, a influência do ambiente também não está se dando de uma forma só por imersão, o sujeito não absorve informações do ambiente de um ambiente que é passivo, ele absorve informações de um ambiente que está estruturado pela cultura. Por exemplo, um bebê brincando sozinho no berço, está brincando num ambiente cultural, estruturado pela cultura, porque é dentro de um berço, não é numa esteira no chão, porque é com aqueles brinquedos e não com outros, porque é sozinho e não acompanhado, porque é num quarto de um determinado tipo, com determinado som em volta etc.

O Vygotsky ainda fala sobre um outro aspecto que extremamente importante, que é o da intervenção ativa das outras pessoas na definição dos rumos do desenvolvimento. Então, para ele, a intervenção pedagógica é essencial na promoção do desenvolvimento de cada indivíduo, de cada sujeito. O sujeito não percorreria caminhos de desenvolvimento sem ter experiências de aprendizagem, resultado da intervenção deliberada de outras pessoas na vida dele. Interferir intencionalmente no desenvolvimento das crianças é importantíssimo na definição de seu desenvolvimento. Então, o sujeito depende dessa intervenção para se desenvolver adequadamente nos rumos que aquela cultura supõe como os rumos adequados para o desenvolvimento. Desenvolver-se numa sociedade que tem escola, é diferente de desenvolver-se numa sociedade que não tem escola. Então, escola, numa sociedade escolarizada é um lócus cultural extremamente importante, para a definição dos rumos de desenvolvimento. E a intervenção pedagógica é essencial na definição do desenvolvimento do sujeito.